

A BARONESA
UMA NOVELA FOTO-ÁUDIO-ENSAÍSTICA
EM DUAS VOZES E DEZ CAPÍTULOS
DE

CHARLES ALLINGTON

HOMEM: Natália e Viktor

HOMEM: A festa na qual Natália e Viktor se conhecem marca o início da estação dos bailes. A casa de três andares do general Stein está repleta de jovens que dali retirariam os futuros casamentos.

MULHER: Natália está prometida para o marquês belga Mark Timboury. Todos sabem que o título de um marquês é superior ao de um barão, mas a jovem de vestido verde-musgo e colar de esmeraldas não presta atenção quando o pai lhe apresenta o futuro noivo. Mark é vinte anos mais velho que Natália, usa suíças e bigode e está começando a ficar calvo.

HOMEM: Natália não presta atenção no futuro noivo. Olha, por sobre o ombro direito de Mark, e enxerga aquele rapaz que não para de dançar com a filha do dono da casa, uma moça baixinha e sem graça. Natália acredita ser muito mais interessante.

Olha para os lados, e o pai a havia deixado a sós com o marquês. Ela não tem dúvidas de que deve arrumar um pretexto e uma companhia para ir ao toalete feminino. A duquesa Maria é amiga de sua mãe, apesar de tão jovem. É casada com o duque Hager, trinta anos mais velho. A duquesa Maria passa diante de Natália no instante em que esta se percebe a sós com o marquês.

MULHER: – Ah, duquesa Maria!

HOMEM: Uma mesura de ambas ao marquês, e vão juntas ao toalete feminino. Natália logo pergunta:

MULHER (VOZ MAIS JOVEM): – Quem é aquele rapaz que está dançando com a filha do general Stein?

MULHER (VOZ MAIS VELHA): – O barão Shoemberg? Viktor...

MULHER (VOZ MAIS JOVEM): – Sim, Viktor. Ele é daqui de Viena? Não o vi em outras festas.

MULHER (VOZ MAIS VELHA): – Normalmente ele está em Paris. Ou em Berlim. Ou mesmo em Londres, na casa dos amigos.

MULHER (VOZ MAIS JOVEM): – Ah, entendi... Você o conhece?

MULHER (VOZ MAIS VELHA): Maria ajeita os longos cabelos negros presos em trança circular na nuca. Põe um pouco do perfume que está em cima da penteadeira de mármore branco, à disposição das damas.

MULHER (VOZ MAIS VELHA): – Mais ou menos...

HOMEM: Quando o pai perguntar, alguns meses depois, se Viktor havia flertado com uma mulher casada, Natália logo se lembrará de Maria, logo recordará o rosto pálido da duquesa e a ligeira impressão de que o barão Schoenberg havia feito algo muito desagradável.

MULHER: Esse mal-estar é novo para Natália, que sempre se sentiu segura de si, o mal-estar perdura e aumenta durante aqueles doze anos, quase treze, de casada. A sensação de que há sempre outra mulher na vida do marido, de que Natália não é a única, mesmo que não existam provas concretas para essa sensação.

HOMEM: Os passeios no parque com Lukas, no início, são inconscientes, mas, com o tempo, Natália percebe que não há motivos para estar a sós com o marido. Gostam de assuntos muito diferentes, e ela, na inocência dos dezoito anos, não percebeu o quanto o marido abrira a cauda feito um pavão e ela ficara a admirar as belas penas.

MULHER: Começa a devorar livros. A princípio, os de Filosofia, Astronomia, Ciências Naturais. Até que ouve falar de Lou Andreas-Salomé. Pede ao pai para intermediar um encontro, ali mesmo, na casa de Freud, na Berggasse Strasse, em um jantar que Sigmund promove. Lou a recebe com ternura. Apresenta Rainer Maria Rilke, Friedrich Nietzsche e o Eterno Retorno.

HOMEM: Ficam amigas íntimas. Lou ensina a Natália o tom certo para tratar o marido, a arte da sedução na qual o desejo feminino sempre prevalece. E a baronesa aprende a fazer de conta que não percebe as saídas noturnas do marido, os olhares escusos para a segunda soprano nos ensaios das óperas, a cidade inteira de Viena a comentar os casos extraconjugais de Viktor Schoenberg quase ali, na frente de todos.

Viktor nota o comportamento diferente da esposa. Está até mais bonita. Canta mais forte os seus papéis nas óperas.

Normalmente, uma soprano canta as escalas mais agudas. Se o meio do piano é a notação C3 ou o dó central, a soprano canta do C3 até o C5, ou duas escalas acima.

Depois do encontro com Lou Salomé, Natália torna-se mais solta, navega nas escalas com mais facilidade, nem precisa forçar a respiração. Até trata bem a segunda soprano, mesmo que não tenha a certeza de que entre ela e o marido exista um romance que completará doze anos naquela montagem de “Electra”.

MULHER: O vestido de seda preta e as sandálias douradas para o espetáculo chegam em duas caixas brancas trazidas para o camarim de Natália no fim da tarde. Ela já está saindo do teatro quando avisam da chegada das encomendas da famosa estilista vienense Emile Flöge.

HOMEM: Então os vê. Ali, no camarim que é de Natália, e somente de Natália, como se o camarim fosse uma boneca de porcelana chinesa com vestido de flores amarelas. A segunda soprano é beijada. O marido a beija. Veementemente. Com a mão direita apertada as nádegas arredondadas da segunda soprano. Com a esquerda, amassa os seios rijos.

MULHER: Não é raiva nem revolta o que fervilha em Natália, o que pede para sair do próprio corpo para o alheio. É desejo. Desejo de estar no lugar da outra, mesmo que essa outra seja a segunda no meio de muitas. Viktor não trairia apenas com a segunda. Trairia com todas as mulheres sem pudor de Viena, e Natália arrepende-se de não ter se entregado a Lou Salomé, de não haver seguido em quarteto na viagem com Lou, Rilke, Nietzsche, e amarem-se loucamente, como tão bem fazem os animais. E arrepende-se de não entrar no camarim e flagrar Viktor e a segunda soprano ali mesmo, e ali mesmo fazer parte de uma festa.

HOMEM: Natália tem duas opções. Fazer de conta que não assistiu à cena do desejo, entregar-se a alguns amantes, feito muitas damas da alta sociedade vienense. Ou vingar o desejo não atendido, a libido despertada, mas agora precisaria ir para casa, tomar um

banho demorado, sentar-se diante do espelho da penteadeira, até Lukas chegar de surpresa do internato e surpreendê-la sozinha chorando no quarto.

MULHER: Lukas sai do quarto da mãe. Ele encontra o avô no corredor entre a sala de estar e a de jantar e o avô o para.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Boa noite, meu caro rapaz. Chegou faz tempo?

HOMEM (VOZ DE MENINO): – Não, há pouco, vovô.

MULHER: O rosto cabisbaixo do neto.

HOMEM (VOZ MAIS VELHA): – Por que está assim, Lukas?

MULHER: O carinho que sente pelo avô.

HOMEM (VOZ DE MENINO): – Mamãe estava chorando no quarto, vovô. Penso que é novamente papai.

MULHER: O avô franze a testa, abraça o neto e o leva para a biblioteca.

HOMEM: A festa na casa dos Mahlers teria sido muito agradável, apesar da tristeza de Natália. Procurou ficar longe do marido o máximo de tempo possível. Mas a Sra. Mahler os colocou lado a lado durante o jantar. Serviram pequenos canapés de legumes, uma sopa de cebolas à moda francesa, salmão defumado com alcaparras. Torta de mascarpone de sobremesa. Café com biscoitinhos em forma de estrelas e licor de damasco para as damas. Os charutos, na sala dos homens. As saias rodadas, na sala das mulheres.

No comissariado de Wieden, Charles Allington anota cada um dos pratos servidos e se pergunta por que Natália havia mencionado que estivera triste durante o jantar.

HOMEM: – Por que estava triste?

Cria coragem e pergunta.

MULHER: Natália, cabelos e vestido rubros, põe a mão de luva nos lábios, como se houvesse falado uma bobagem.

– Eu disse isso?

HOMEM: – Disse sim. Está aqui anotado. Veja.

Mostra a caderneta desbotada, e imediatamente sente vergonha de lhe apresentar material tão pobre.

MULHER: – Você tem uma letra bonita.

HOMEM: Charles sente um início de prazer formigando na ponta dos dedos. Mas contém a ilusão.

– Obrigado. Mas, como você estava dizendo...

MULHER: Natália repete as informações que a Sra. Mahler também havia mencionado em depoimento. A única frase fora do contexto é aquela na qual revelou que estava triste.

Mas não diz mais nada sobre o assunto naquela tarde.